

post card

Nº 069030

viana do castelo

Albertino Gonçalves

viana do castelo - doca

A idade do
ouro do postal
ilustrado
em Viana do
Castelo



Viana do Castelo

"Estes postais são um pouco da nossa terra que a outras terras vai parar; e talvez um convite implícito para mais alguém dessas terras visitar a nossa terra. Por isso lhes dou uma importância enorme!"

MARIA EMÍLIA SENA DE VANCONCELOS

A era da imagem

Se há lugares talhados para o postal ilustrado, Viana do Castelo é um deles. Não lhe faltam as artes, a matéria, a obra e o público, num repertório vasto, ancorado no tempo, na terra e nas gentes.

Os primeiros postais de Viana do Castelo circularam na alvorada do séc. XX, poucos anos após a emissão do primeiro postal ilustrado português, comemorativo do V Centenário do nascimento do Infante D. Henrique (1394–1894). Os postais da figura 1, circulados em 1902 e 1903, constam entre os mais antigos de Viana do Castelo. O verso do postal, não dividido, era, então, zelosamente reservado ao endereço. A mensagem escrita e a imagem disputavam-se a face. Nestas circunstâncias, não era raro as pessoas prescindirem da mensagem epistolar: os postais 4 e 5 da figura 1 circularam, com endereço, selo e timbre, mas sem mensagem escrita. Parafraçando Marshall McLuhan (2008), o postal é a mensagem.

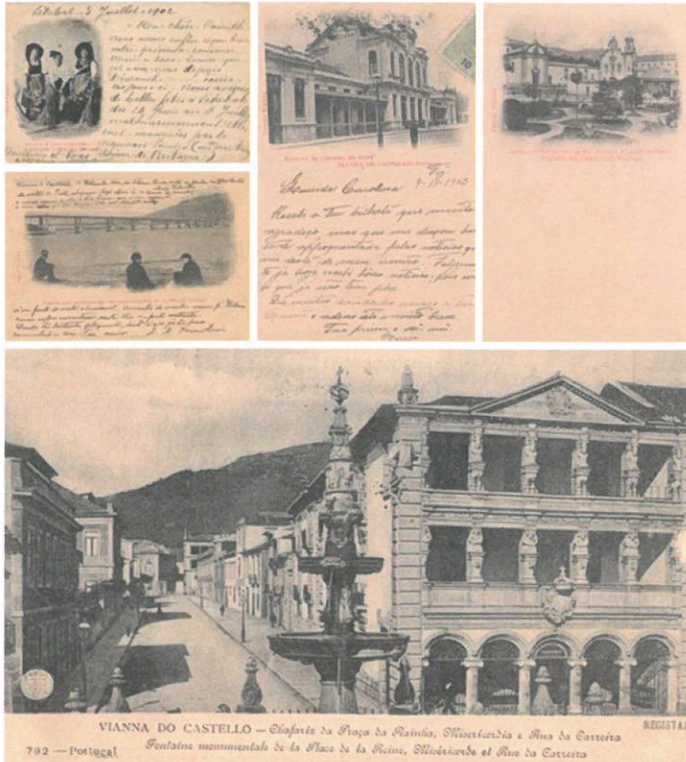


Figura 1: Postais ilustrados circulados no início do séc. XX: 1. No corte do junco – Meadella. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1902; 2. Ponte de dous tableiros sobre o Rio Lima. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1902; 3. Estação do caminho de ferro. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1903; 4. Igreja dos Terceiros e de Sto. António e Jardim fronteiro. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1903; 5. Chafariz da Praça da Rainha, Misericórdia e rua da Carneira. Ed. A. F. Martins. Circ. 1903.

O Bazar Couto Viana e F. A. Martins, de Lisboa, são os editores que, no primeiro quartel do séc. XX, mais se destacam, pelo pioneirismo e pela amplitude da oferta, na produção de postais ilustrados respeitantes a Viana do Castelo. As colecções nacionais de F. A. Martins contemplam vários postais com motivos de Viana (figura 2 e 3). A cidade contava, por essa altura, com outros editores, tais como a Pérola Vianense, a Papelaria Central, o Bazar de Caçadores, José Ribeiro ou Bernardo Dias e Aires, mas nenhum tinha a abrangência do Bazar Couto Viana. No que respeita à edição



Figura 2: Câmara e Rua da Bandeira. Ed. A. F. Martins. Circ. 1905.



Figura 3: Vianna do Castelo. - (Portugal). Costume do Norte. Ed. A. F. Martins. Circ. 1907.

de postais, convém não esquecer o fotógrafo Manuel Filgueira. De origem galega, radicou-se em Viana de Castelo em 1901. Muitos dos postais mais marcantes da história local têm a sua assinatura, por exemplo, o da Praça da “República” quando ainda era da “Rainha” (figura 4; sobre Manuel Filgueira, ver Meira, 2009). Acontecia, com alguma frequência, vários editores partilharem os mesmos motivos de imagem. Por exemplo, o motivo do postal da figura 5, Malhando o milho (Perre), do Bazar Couto Viana, repete-se em Uma Malhada no Minho, de F. A. Martins.

O mesmo sucede com as imagens dos postais 1 e 3 da figura 1. Esta partilha indicia alguma forma de interação entre os editores nacionais e locais. O protagonismo do Bazar Couto Viana não surpreende. Situado no coração da cidade, era um estabelecimento comercial antigo e reputado, propriedade de uma família influente, por onde passava grande parte da vida recreativa e cultural vianense, incluindo a promoção das festas da Agonia. (ver Martins et alii, 2000 e Meira, 2010).

Praça da Rainha

(Vianna do Castelo)

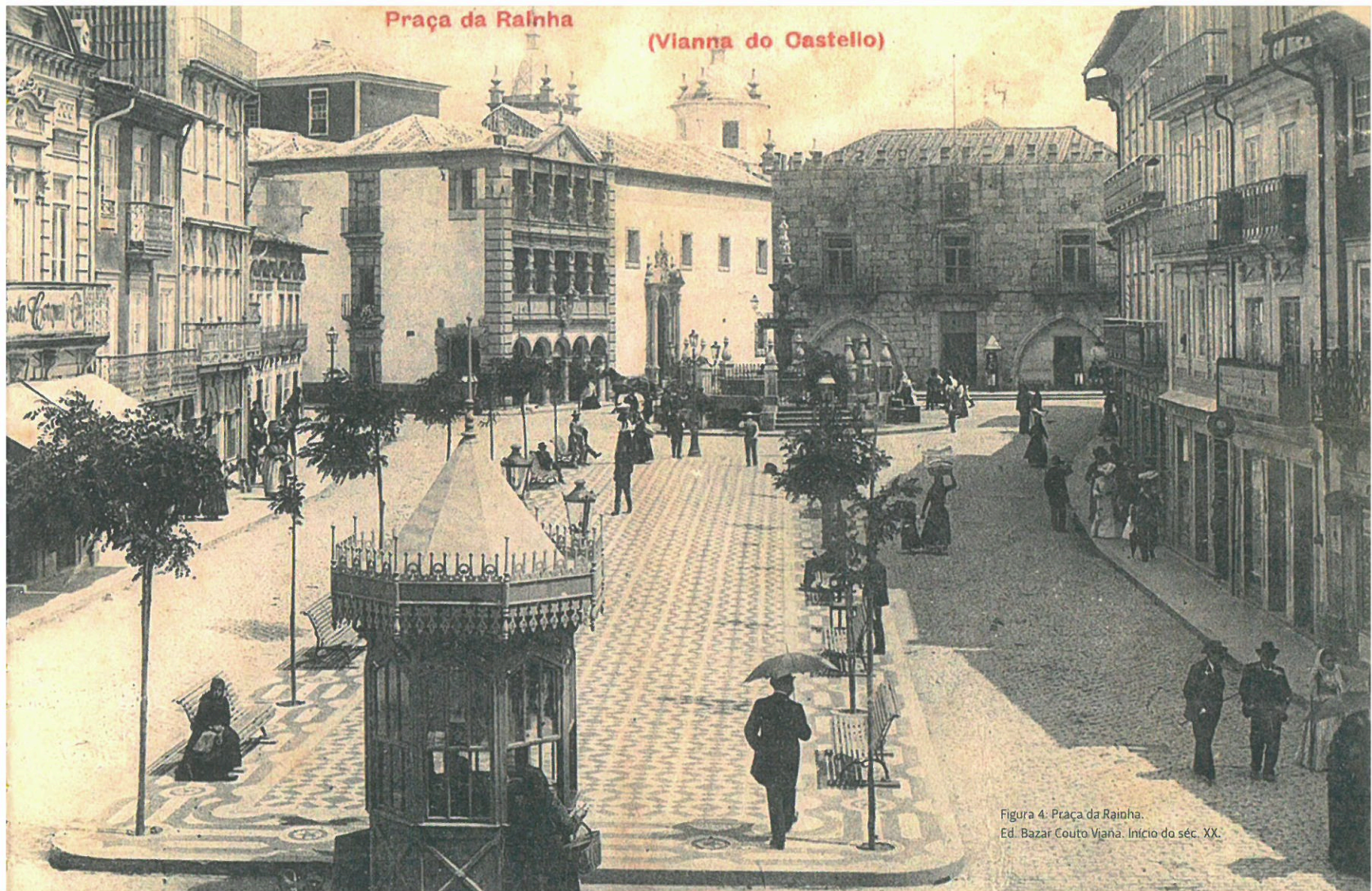


Figura 4: Praça da Rainha.
Ed. Bazar Couto Viana. Início do séc. XX.

O postal ilustrado conheceu a sua “idade de ouro” entre 1900 e 1925 (Kyrou, 1966). A produção disparou nos primeiros anos do séc. XX. Em 1899, imprimem-se em França 8 milhões de postais ilustrados; em 1910, 123 milhões. Vários factores explicam este crescimento: a expansão do turismo, o sucesso do postal ilustrado como meio de comunicação visual e a febre do colecionismo. Mas decorre, também, da quebra do custo dos postais graças à invenção da fotocolorgrafia, nomeadamente da fototipia, bem como da autorização da escrita da mensagem no verso, o que liberta a face para a

imagem. Em Março de 1903, Rúbén Darío escreve o seguinte testemunho no jornal argentino *La Nación*: a vida actual, sobretudo esta vida europeia e em particular a de Paris, torna impossível a correspondência epistolar (...). Se antes se recebia uma carta hoje recebem-se 50 postais ilustrados. Viana do Castelo também viveu esta euforia do postal ilustrado. Um indicador indirecto permite-nos estimar até que ponto a procura de postais ultrapassava as expectativas dos editores. Num único dia, em 31 de Agosto de 1911, um visitante enviou à esposa doze postais ilustrados, todos manuscritos,



Figura 5: Malhando o milho - Perre. Ed. Bazar Couto Viana. Não circulado. Início do século.

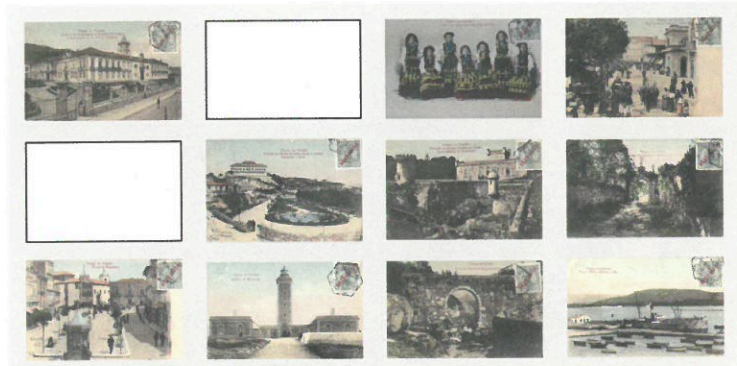


Figura 6: Postais enviados por um visitante em 31.08.1911.

numerados, selados e carimbados. O texto, corrido do primeiro ao último postal, anuncia o seguinte: “mando d’aqui doze bilhetes postaes para assim teres a certeza que vão todos ao seu destino”. Temos, afortunadamente, acesso a dez desses postais: todos diferentes e editados pelo Bazar Couto Viana (figura 6). Para além de ilustrar a popularidade então desfrutada pelos postais ilustrados, este exemplo revela que, de um conjunto de dez postais datados de 1911, três correspondiam à 10ª e sete à 11ª edição. Tanta edição em meia dúzia de anos pressupõe um ritmo extraordinário.

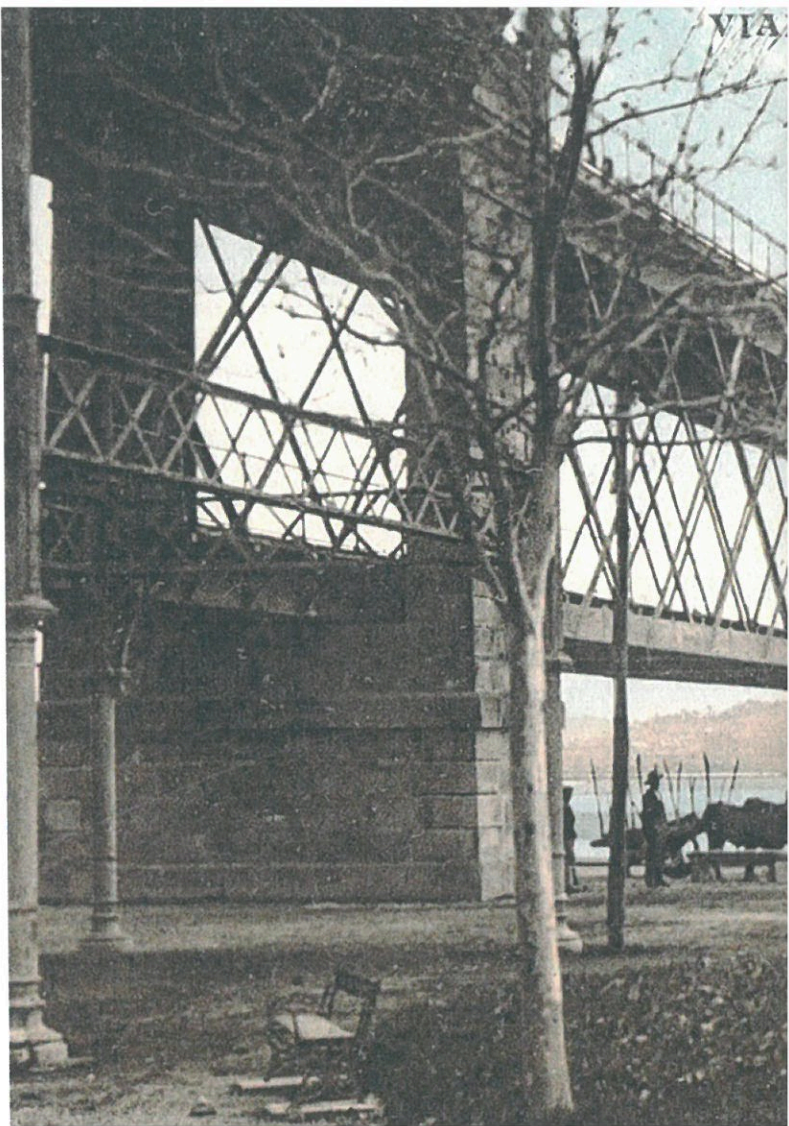


Figura 7: Parque em Sta Luzia. Ed. Grande Hotel de Santa Luzia – Hotel Central. Circ. 1931.

Património e imaginário

Mas o milagre não se confinou à multiplicação dos postais impressos, coroou-se com a respectiva diversificação e melhoria técnica e artística. Em Viana do Castelo, em menos de duas décadas, são estampadas centenas de imagens distintas, maioritariamente dedicadas à paisagem e à tradição. Resultam, em contrapartida, relativamente escassos os postais publicitários, cómicos ou comemorativos. Em matéria de publicidade, merecem referência os postais editados nos anos vinte pelos Hotel Santa Luzia e pelo Hotel Central que divulgam, a par das respectivas instalações, vários locais da cidade com interesse turístico. Como nota curiosa, repare-se que o postal da figura 7, com um pormenor do Parque de Santa Luzia, inclui no verso, com apurado sentido de oportunidade, a seguinte citação impressa: “Santa Luzia affords one of world’s finest views [sic], few views surpass the one from Santa Luzia – those from the heights above Rio de Janeiro and Funchal, perhaps – both in portuguese-speaking lands. (The National Geographic Magazine – Washington U. S. A. – November 1927 – Pg. 571)”. Quem adoptou uma solução publicitária expedita e eficaz foi o Restaurante da Estação: imprimia a marca do estabelecimento na face de postais “sem editor” (figura 8).

Figura 8
Lavradores carregando sargaço. Tímbre do Restaurante da Estação. Finais dos anos 1910; Acampamento militar no Campo d'Agonia. Tímbre do Restaurante da Estação. Finais dos anos 1910.



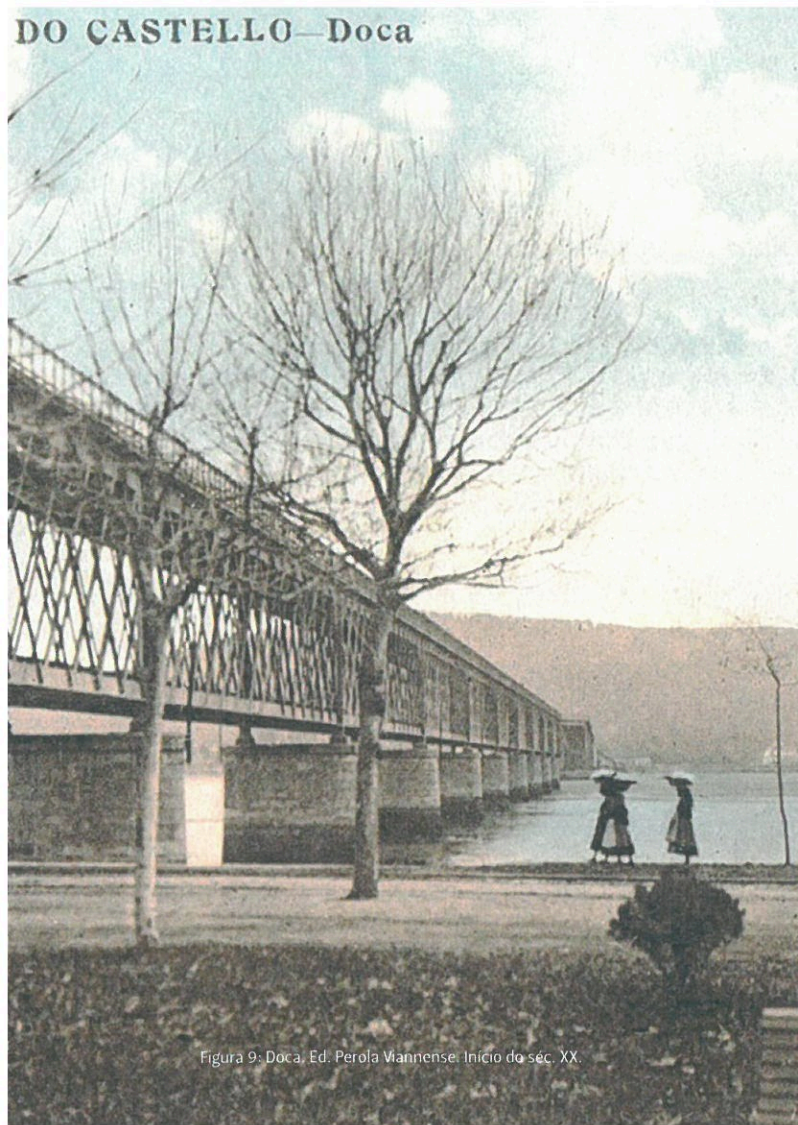


Figura 9: Doca, Ed. Perola Viannense. Início do séc. XX.

A focalização na paisagem e nos costumes, em particular no traje, não é original. Esta era, na época, uma moda em expansão por quase todo o lado (Gonçalves, 2009: 80–102). Mas brilhou, em Viana do Castelo, pelas consequências: foi uma aposta que desenhava o futuro. O património etnográfico e o património paisagístico constituem, hoje, a imagem de marca da cidade e do concelho. As artes gráficas e os postais ilustrados foram os primeiros suportes visuais a promover a difusão massiva do traje e das tradições locais (Castro, 1984. Ver figura 22 adiante).



Figura 10: Jardim público. Ed. Papelaria Central. Circ. 1916.

É certo que não foram os únicos protagonistas. Houve outras arenas decisivas. Mas participaram numa construção a várias mãos. Os postais contribuíram também para urdir e delinear a representação da cidade: o que nela tem valor e que valor tem? Onde se localizam as centralidades económicas, cívicas, religiosas e de lazer? Quais são os principais monumentos? E os equipamentos? Onde se concentram as pessoas? Onde residem as elites? As respostas, disseminadas nos bilhetes-postais, acabam por configurar mapas mentais. Vida cívica: a Praça da

República (figura 4)? Zonas de lazer: O Monte de Santa Luzia? O Jardim Público (figura 10)? Os recantos das aldeias (figura 11)?... Equipamentos: A Estação de Caminho de Ferro? A Ponte sobre o Lima (Figura 9)? A Doca (figura 9)?... Lugares de culto: A Igreja Matriz? A Igreja de S. Domingos (figura 17)? A Capela d'Agonia (Figura 16)?... Ajuntamentos: Feira do gado (Figura 15)? Mercado municipal? Mercado do peixe (figuras 13)?... Casas ilustres: A vivenda da família Pereira da Cunha? O Paço de Lanheses? A casa de Quartin? A casa do Dr. Manoel Felix da Costa Barros (figura 14)...



Figura 11: Convento de Cabanas. Ed. Portela e Brito. Circ. 1907.



Figura 12: Mercado. Ed. Perola Viannense, Início do séc. XX.

Os postais guiam o nosso olhar, mas não o fazem de um modo aleatório. O mundo e o olhar como que são encantados. Aplica-se ao postal ilustrado o esquema que Alberti preconiza para o quadro renascentista: O meu primeiro acto, quando quero pintar uma superfície, consiste em traçar um rectângulo, do tamanho conveniente, que funcione como uma janela aberta através da qual posso contemplar aquilo que vai ser pintado (Alberti, 1868 : 124). Pois, tanto no quadro renascentista como no postal moderno, o olhar que



Figura 13: Novo Mercado do Peixe, denominado Pena Gonçalves. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1910.

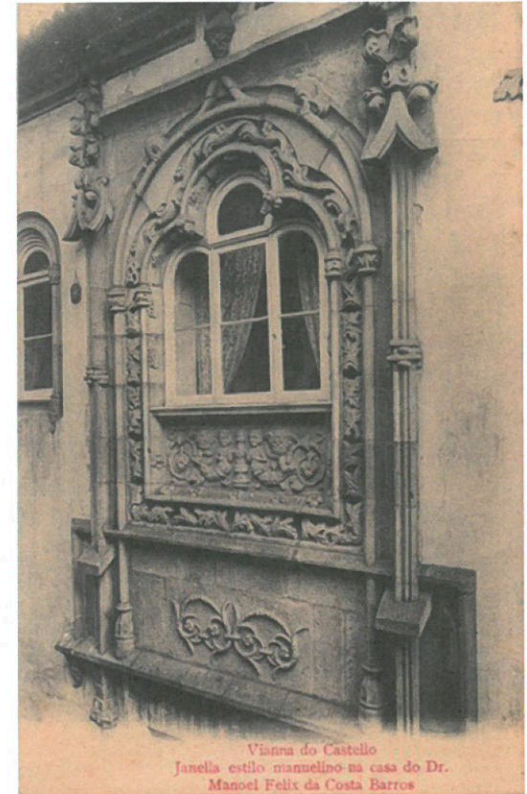


Figura 14: Janela estilo manuelino na casa do Dr. Manoel Felix da Costa Barros. Ed. Bazar Couto Viana. Início do séc. XX.

atravessa a janela apraz-se num mundo clássico, delineado, equilibrado, harmonioso, estável e apaziguado. E as pessoas, que neles se inserem, tendem a lembrar, pela disposição e pela postura, “figurinhas de presépio” (Aurora, 1996: 27; ver figuras 2, 4, 10 e 12).

O sentido da visão predominou no turismo dos últimos séculos. O turista moderno apresenta-se, antes de mais, como um predador ocular. Jost Krippendorf (1977) fala, a

este propósito, em “devoradores de paisagens”. Os postais oferecem-se como janelas que uns entreabrem e outros apreciam. Muito se tem insistido sobre a influência do turismo na expansão do postal ilustrado. Uma verdade, sem dúvida, mas uma meia verdade. Nas palavras de Maria Emília Vasconcelos, os postais são um pouco da nossa terra que a outras terras vai parar; e talvez um convite implícito para mais alguém dessas terras visitar a nossa terra” (Vasconcelos, 1985: 5).



Figura 15: Mercado do gado e chalet do sr. A. T. Quartin. Ed. Couto Viana. Circ. 1911.



Figura 16: Sanctuario d'Agonia. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1908.

Há, mesmo, quem defenda que os postais ilustrados exerceram tanta influência sobre o turismo quanto o turismo sobre os postais ilustrados. Georges Duhamel ousa sugerir que a invenção do bilhete-postal fez mais pelo turismo do que a dos caminhos-de-ferro (citado em <http://www.cartolis.org/histoire.php>).

O turismo foi o grande impulsor do postal ilustrado. Mas não foi o único. Convém não esquecer que o recurso alargá-

do ao bilhete-postal teve início durante a guerra franco-prussiana de 1870–71, com a dupla função de propaganda militar e correspondência dos soldados e das populações sitiadas. Os picos de circulação de postais ilustrados coincidiram com as duas guerras mundiais. Nos anos 1870 e 1880, era a publicidade, e não o turismo, quem rivalizava com o segmento militar. Recorde-se que Viana do Castelo teve aquartelamento militar, na fortaleza de Santiago da Barra, até 1978 (Lima, 1997: 57–63), presença que não é es-

tranha à edição de vários postais envolvendo o contingente local (figura 8). Mas os postais prestam-se a mais usos. De acesso ágil, parco na escrita e rápido na circulação, o postal ilustrado adapta-se à comunicação rotineira de recados e notícias breves (ver mensagem da figura 18), bem como ao envio de felicitações, votos de boas festas e agradecimentos. Nenhum destes usos foi residual (Willoughby, 1993). E outros se podem acrescentar. Por exemplo, contanto derivados, o colecionismo e a investigação.



Figura 17: Igreja e Largo de S. Domingos. Ed. Bazar Couto Viana. Início do séc. XX.



Figura 18: Baía da doka. Ed. Bazar Couto Viana. Circ. 1905.



Os postais ilustrados representam uma fonte de documentação e ilustração com amplas potencialidades. Que nos seja permitido ilustrar esta propensão com dois casos concretos. Num primeiro postal (figura 20), datado de 24-10-1913, editado por Alberto Malva, de Lisboa, é possível discernir, no Campo d'Agonia, a praça de touros e o velódromo, cujas corridas taurinas e velocipédicas, inseridas nos programas das festas d'Agonia, tanto entusiasmo causavam nos aficionados. Num segundo postal (figura 19), datado de 20-08-1921, deparamo-nos com um carril que passa em frente à Capela d'Agonia. Pertencerá às obras do ramal do caminho-de-ferro para a doca? Serão as mesmas que requereram a expropriação e a demolição da praça de touros no ano de 1918? Certo é que a abstinência tauromática prolongou-se até 1921, ano em que foi inaugurado o novo redondel, suspirando Viana de alívio: “pois já se verificou em annos anteriores que as festas da Agonia sem touradas são como a... ‘agonia das festas’” (Aurora do Lima, 19-07-1921: ver Martins & Meira, 2004).

Figura 19: Capela da Agonia. Ed. Bazar Couto Viana, Circ. 1921.

N.º 511 — Vianna do Castelo — Vista do Campo d'Agonia, castello e barra



Figura 20: Vista do Campo d'Agonia, castello e barra. Ed. Alberto Malva. Circ. 1913.

Pode existir um desfasamento entre a gravura ou a fotografia, a edição do postal e a respectiva data de circulação. Desconhecidos estes intervalos, a investigação carece informação adicional. O postal com o Chafariz da Rua 8 de Maio, de F.A. Martins (figura 21), ao mencionar “hoje demolido”, tem o condão de nos alertar para este problema de desfasamento no tempo. Neste caso, a distância entre a impressão do postal e a referência do motivo manifesta-se considerável. Inaugurado em 1774, “este elegante Chafariz-

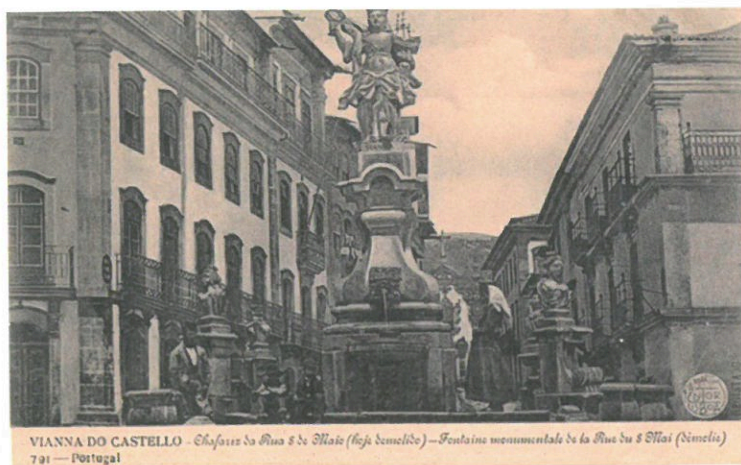


Figura 21: Chafariz da Rua 8 de Maio (hoje demolido). Ed. F. A. Martins. Circ. 1904.

Está tua de Viana, em 1864, foi apeado e removido pedra a pedra, como peça indigna se tratasse, para um montão de destroços acumulados nos fundos de um armazém municipal” (Carvalho, 2008: 250-251). Entre a destruição do monumento e a sua “monumentalização” estampada em postal decorreram quase quarenta anos. Mas a história não termina aqui. Com ou sem a influência do referido postal, o Chafariz acabou por ser reconstruído, em 1912, na actual Alameda João Alves Cerqueira. Os postais ilustrados funcionam como uma janela



Figura 22: Amostra de postais alusivos ao traje de Viana do Castelo.

mas também como um espelho. Neles nos revelamos e neles nos revemos. Observando a diversidade dos postais, as vistas, os costumes, os “subúrbios”, ganha corpo uma intuição: Viana cidade quer-se Viana concelho. É a sua forma de se conceber e de se exprimir. A sua marca convoca o urbano e o rural. A sua aura assenta numa sinfonia de imagens. Assim acontece nos postais, mas também no cortejo etnográfico, na festa do traje, no cortejo da mordomia... O traje à vianesa, motivo por excelência dos postais ilustrados, simboliza esta vocação poliédrica (figura 22).



VIANA DO CASTELO - Trecho de Santa Luzia e cidade.

Figura 23: Trecho de Santa Luzia e cidade. Ed. Bernardo Dias e Aires.

Viana do Castelo alberga exímios colecionadores e pesquisadores de postais ilustrados. Postais que resplandecem em publicações como as do Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, especialmente Viana: Cidade e Circunstância (Lima, 1997). Um passeio pela cidade pode desembocar em alguma casa comercial decorada com reproduções de postais ilustrados. As compras no Estação Viana Shopping são saudadas com postais que se agigantam nas telas que cobrem os espaços em remodelação. O postal ilustrado valoriza Viana. E Viana preza o postal ilustrado. Há até quem se exceda a exclamar que Viana, ela própria, é um postal ilustrado. Eis uma expressão ambígua cujo sentido nos escorrega por entre as vogais. Será a sensibilidade estética? Será o ordenamento urbanístico? Será uma arte de estar no mundo? Não, Viana não é um postal ilustrado. Nem sequer admirada do alto do Monte de Santa Luzia com o deslumbramento da National Geographic (figura 19).

Viana do Castelo é demasiado exuberante, complexa, plural e dinâmica para caber num retângulo tão exíguo, plano e estático. Na realidade, Viana não é um postal ilustrado. Mas nada a impede de o ser no imaginário.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Leon-Battista (1868), *De la statue et de la peinture*, Paris, Chez A. Lévy Editeur.

AURORA, Conde d' (1996), *Roteiro da Ribeira-Lima*, Ponte de Lima, LIMICI.

CARVALHO, António de (2008), "Monumentos evocativos e ornamentais de Viana", *Cadernos Vianenses*, 42, 245-260.

CASTRO, Manuel Chaves e (1984), "O traje popular nas artes gráficas", *Cadernos Vianenses*, Tomo VIII, Julho de 1984, pp. 177-192.

GONÇALVES, Albertino (2009), *Vertigens : Para uma sociologia da perversidade*, Coimbra, Rui Grácio Editor.

KRIPPENDORF, Jost (1977), *Les dévoreurs de paysages*, 1977, Lausanne, Éditions 24 heures.

KYROU, Ado (1966), *L'Age d'or de la carte postale*, Paris, Balland.

LIMA, José da Silva, Coord. (1997), *Viana: Cidade e Circunstância*, Viana do Castelo, Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros de Viana do Castelo.

MARTINS, Moisés, GONÇALVES, Albertino & PIRES, Helena (2000), *A romaria da Sr.ª da Agonia. Vida e memória da cidade de Viana*, Viana do Castelo, Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros de Viana do Castelo.

MARTINS, Moisés de Lemos & MEIRA, Gonçalo F. (2004), *Os Estaleiros Navais e a Sociedade Vianense*, Viana do Castelo, Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

MEIRA, Gonçalo Fagundes (2009), “Manuel Filgueira. Um Eminente Fotógrafo de Viana do Castelo”, *A Falar de Viana*, Ano de 2009, pp. 151-155.

MEIRA, Gonçalo Fagundes (2010), “Montras Comerciais da Cidade. Do visual a outros episódios curiosos”, *Ano de 2010*, pp. 133-139.

MCLUHAN, Marshall (2008), *Compreender os meios de comunicação*, Lisboa, Relógio d'Água.

VASCONCELOS, Maria Emília Sena de (1985), *Os nossos postais*, Separata muito ampliada do 2º vol. *Cadernos Vianenses*, edição da autora.

WILLOUGHBY, Martin (1993), *História do Bilhete-Postal*. Lisboa, Caminho.

Ficha técnica:

Título: A Idade de Ouro do Postal Ilustrado em Viana do Castelo

Autor: Albertino Gonçalves

Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Local: Braga

Ano: 2011

Apoio:

FCT [Projecto Postais Ilustrados: Para uma Sócio-Semiótica da Imagem e do Imaginário PTDC/CCI/72770/2006, coordenado por Moisés de Lemos Martins].

Ilustrações:

Reprodução digital de postais recolhidos para o estudo na Biblioteca Nacional, no Museu do Traje em Viana do Castelo e na colecção particular de Gonçalo Fagundes Meira.

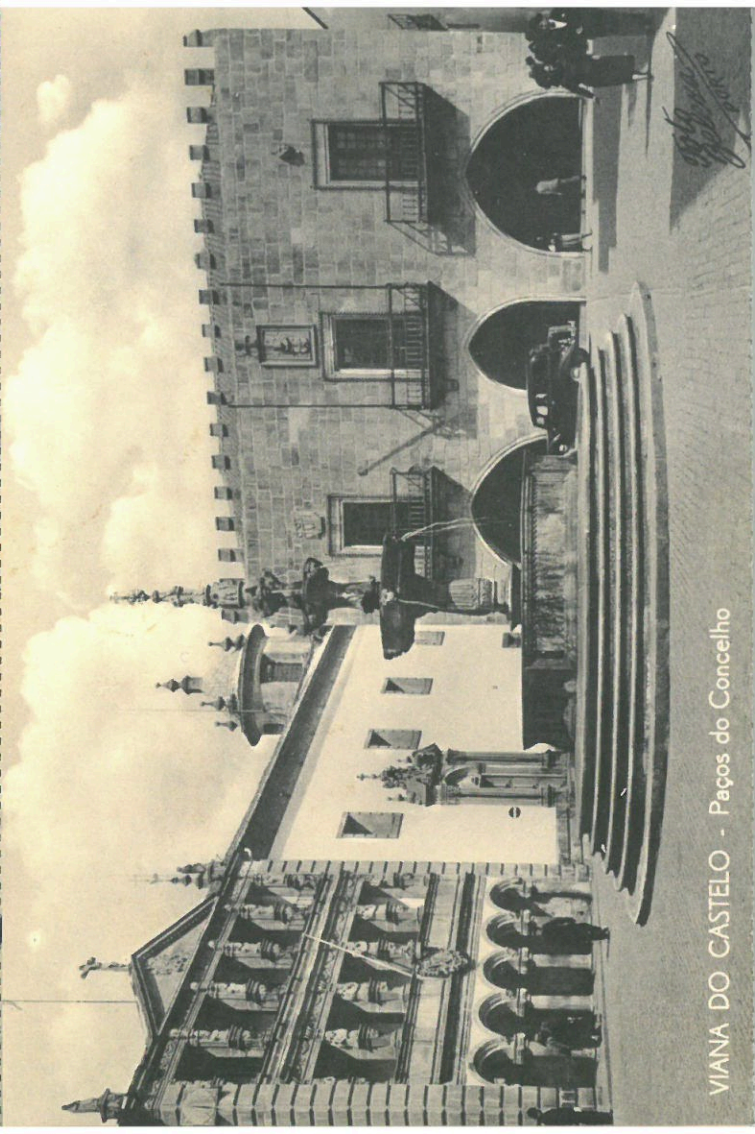
Agradecimento especial ao Director do Museu do Traje, e também a Gonçalo Fagundes Meira, pela possibilidade que concederam à equipa deste projecto de investigação de digitalizar grande parte do acervo de postais de Viana do Castelo, que constitui o objecto deste estudo.

Design e Impressão: nextbrand.pt

ISBN: 978-989-97244-5-7

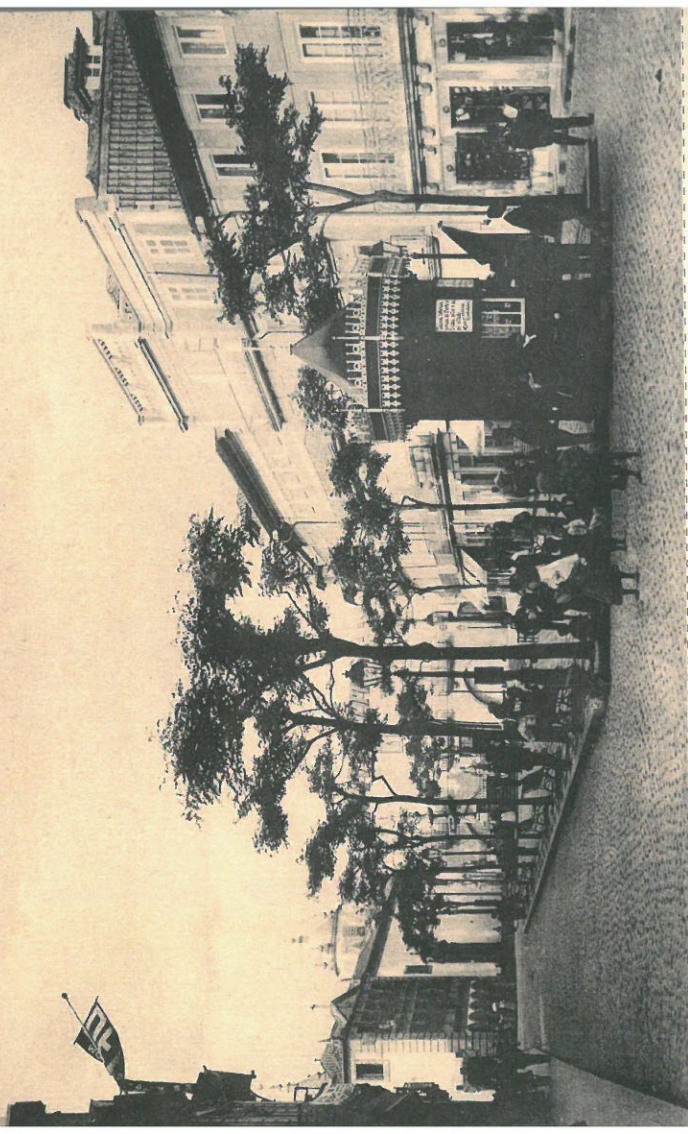
Depósito Legal: 336 652/11

Logar de Pertuzello—VIANNA



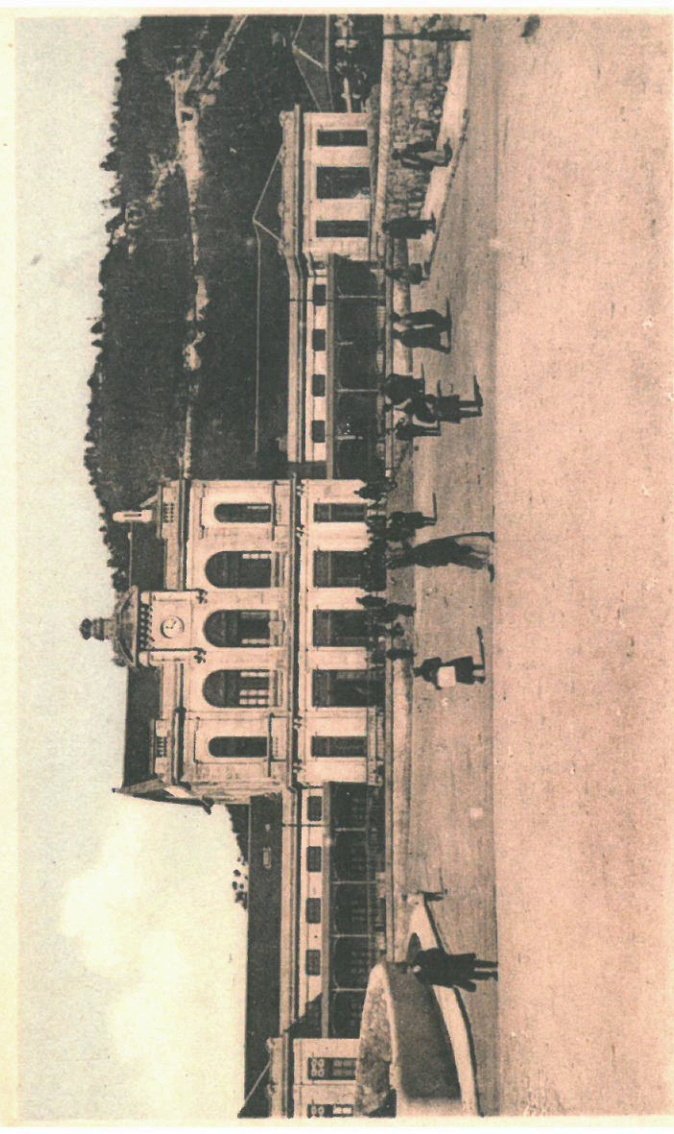
VIANA DO CASTELO - Paços do Concelho

VIANA DO CASTELLO—Praça da Republica



Femme du peuple—VIANA DO CASTELO

Vianna do Castello
Doka dos barcos de pesca.



VIANNA do CASTELO. - Estação do Caminho-de ferro

viana do castelo